

# Nível de atividade

**Tabela 1.1 – Índice de volume de vendas**

Discriminação	Variação percentual			
	2015			
	Jul	Ago	Set	Out
<b>No mês<sup>1/</sup></b>				
Comércio varejista	-1,5	-0,8	-0,3	0,6
Combustíveis e lubrificantes	-1,1	-1,4	-0,8	-2,6
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	-1,5	-0,2	0,4	2,0
Tecidos, vestuário e calçados	-1,4	-2,4	-1,4	1,9
Móveis e eletrodomésticos	-2,4	-2,1	0,2	0,6
Artigos farmacêuticos, médicos	-0,9	0,5	-1,0	1,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-1,2	-2,7	-1,4	0,7
Equipamentos e materiais para escritório	-6,1	0,3	-2,5	-9,2
Outros artigos de uso pessoal	-1,1	-0,6	-3,1	-0,6
Comércio ampliado	0,4	-2,2	-1,6	-0,1
Materiais de construção	-2,9	-2,6	-1,7	-2,9
Veículos, motos, partes e peças	6,2	-6,1	-4,2	-0,9
<b>Trimestre/trimestre anterior<sup>1/</sup></b>				
Comércio varejista	-2,6	-2,6	-2,8	-2,0
Combustíveis e lubrificantes	-0,8	-2,5	-3,0	-3,8
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	-1,4	-1,5	-2,0	-0,4
Tecidos, vestuário e calçados	-2,7	-3,3	-3,9	-4,1
Móveis e eletrodomésticos	-6,5	-5,9	-5,3	-3,9
Artigos farmacêuticos, médicos	-0,8	-1,0	-1,1	-0,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	-4,6	-4,5	-5,0	-4,6
Equipamentos e materiais para escritório	-8,7	-8,4	-7,5	-9,1
Outros artigos de uso pessoal	-2,9	-2,4	-2,6	-3,8
Comércio ampliado	-3,4	-3,0	-2,9	-3,4
Materiais de construção	-5,2	-2,7	-4,1	-4,9
Veículos, motos, partes e peças	-4,7	-3,7	-3,4	-6,4
<b>No ano</b>				
Comércio varejista	-2,4	-3,0	-3,3	-3,6
Combustíveis e lubrificantes	-3,4	-3,9	-4,4	-5,2
Hiper, supermercados, prod. alimentícios	-1,9	-2,3	-2,3	-2,1
Tecidos, vestuário e calçados	-5,5	-6,6	-7,3	-7,5
Móveis e eletrodomésticos	-11,5	-12,4	-13,0	-13,3
Artigos farmacêuticos, médicos	4,7	4,2	3,6	3,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	-8,3	-9,1	-9,6	-9,6
Equipamentos e materiais para escritório	7,9	5,8	4,0	0,6
Outros artigos de uso pessoal	3,4	2,6	1,5	0,3
Comércio ampliado	-6,5	-6,9	-7,4	-7,9
Materiais de construção	-5,0	-5,6	-6,4	-7,4
Veículos, motos, partes e peças	-15,3	-15,4	-16,1	-16,9

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

A atividade econômica segue evoluindo em ritmo inferior ao seu potencial. Esse desempenho repercute os impactos do processo de ajuste macroeconômico em curso e os efeitos de eventos não econômicos.

Nesse contexto, o PIB recuou, na margem, 1,7% no terceiro trimestre de 2015, dados dessazonalizados. Vale ressaltar, sob a ótica da oferta, a contração na atividade da indústria e dos serviços, e sob a ótica da demanda, o recuo dos gastos com investimentos e consumo, compensado parcialmente pela contribuição positiva do componente externo, compatível com o cenário de retração do mercado doméstico e de depreciação da moeda brasileira.

Estatísticas mais recentes, notadamente os indicadores coincidentes de vendas e os dados de produção da indústria, não sugerem reação da atividade no quarto trimestre.

## 1.1 Comércio

As vendas do comércio ampliado recuaram 3,4% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao finalizado em julho, quando registraram retração idêntica no mesmo tipo de comparação, dados dessazonalizados. Houve reduções nas vendas nos dez segmentos pesquisados (equipamentos e material para escritório, informática e comunicação, 9,1%; automóveis, motocicletas, partes e peças, 6,4%; material para construção, 4,9%).

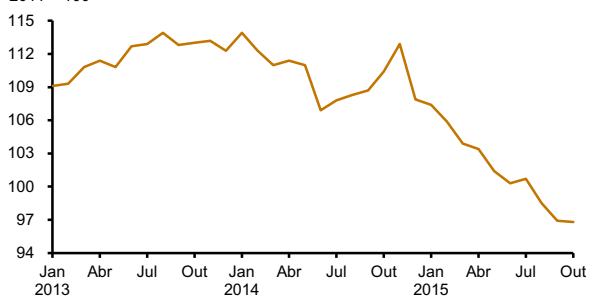
As vendas do comércio varejista<sup>1</sup> diminuíram 2,0% no período, nono recuo trimestral consecutivo. Ocorreram reduções nas vendas em todas as regiões, com destaque para as observadas no Sul (3,2%) e no Nordeste (2,8%).

As vendas reais dos supermercados, segmento com peso aproximado de 33,0% na PMC, recuaram 0,3% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, segundo dados dessazonalizados da Associação Brasileira

1/ Conceito que exclui do comércio ampliado os segmentos veículos e motos, partes e peças, e material de construção.

**Gráfico 1.1 – Índice de volume de vendas no varejo – Conceito ampliado**

Dados dessazonalizados  
2011 = 100



Fonte: IBGE

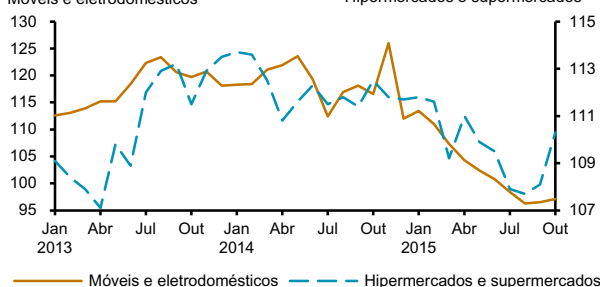
**Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo – Segmentos selecionados**

Dados dessazonalizados

2011 = 100

Móveis e eletrodomésticos

Hipermercados e supermercados

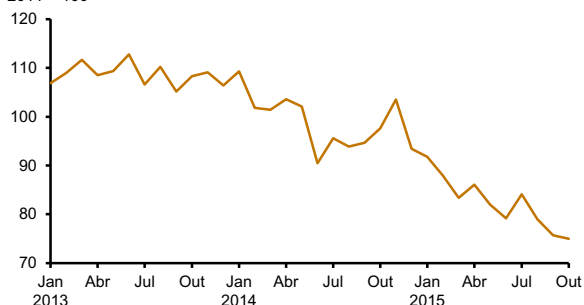


Fonte: IBGE

**Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo – Veículos e motos, partes e peças**

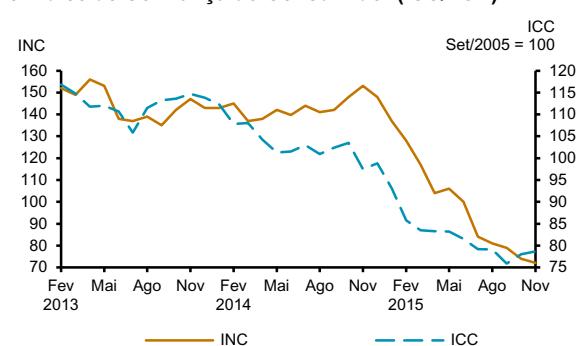
Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

**Gráfico 1.4 – Índice Nacional de Confiança (INC/ACSP) e Índice de Confiança do Consumidor (ICC/FGV)**



Fontes: ACSP/IPSOS e FGV

de Supermercados (Abrás). No mesmo sentido, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave), as vendas de automóveis e comerciais leves decresceram 7,8% no trimestre encerrado em novembro (-7,7% no terminado em agosto). O índice Serasa Experian de Atividade do Comércio – de abrangência nacional e construído a partir de consultas mensais realizadas pelos estabelecimentos comerciais aos cadastros da Serasa – recuou 4,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando diminuía 1,7%, nesse tipo de comparação

A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu 7,5% em outubro, ante 6,3% em igual mês de 2014, sugerindo aumento da inadimplência.

Os indicadores de confiança encontram-se em patamares historicamente reduzidos. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), recuou 7,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, situando-se no menor nível desde o início da série, em setembro de 2005. O Índice da Situação Atual (ISA) diminuiu 8,8% e o Índice de Expectativas (IE), 6,1%.

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), recuou 12,0% no último trimestre de 2015, em relação ao mesmo período do ano anterior. Destacaram-se as contribuições negativas dos componentes expectativas de renda pessoal e situação financeira.

O Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela Ipsos Public Affairs para a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), decresceu 49,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação a igual período de 2014. Houve retrações em todas as regiões: Nordeste (42,8%); Sudeste (50,1%); Norte/Centro-Oeste (48,2%); e Sul (61,6%).

O Índice de Confiança do Comércio Ampliado (ICOM), divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, recuou 7,7% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto. Houve reduções de 14,1% no ISA-COM e de 1,3% no IE-COM.

## 1.2 Produção

### Produção industrial

**Gráfico 1.5 – Índice Nacional de Expectativa do Consumidor**



Fonte: CNI

**Tabela 1.2 – Produção industrial**

Trimestre/trimestre anterior<sup>1/</sup>

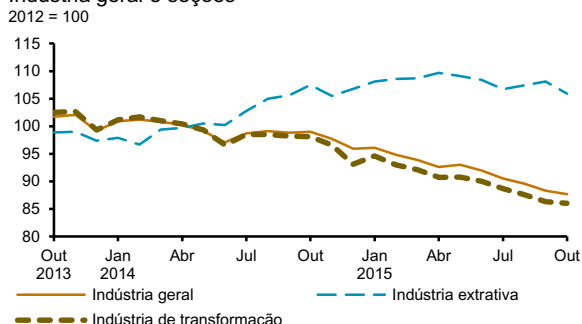
Discriminação	2015				%
	Jul	Ago	Set	Out	
Indústria geral	-2,1	-2,6	-3,3	-3,6	
Por seção					
Indústria extrativa	-0,9	-1,5	-1,5	-0,9	
Indústria de transformação	-2,3	-2,7	-3,3	-3,6	
Por categoria de uso					
Bens de capital	-8,7	-10,2	-9,7	-10,0	
Bens intermediários	-2,0	-2,2	-2,9	-2,7	
Bens de consumo	-1,4	-1,5	-2,1	-2,8	
Duráveis	-7,2	-8,3	-4,6	-8,9	
Semi e não duráveis	-0,6	-0,5	-1,8	-1,7	

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

**Gráfico 1.6 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Indústria geral e seções



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

A produção física da indústria diminuiu 3,6% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao terminado em julho, quando havia decrescido 2,1%, nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A indústria extrativa recuou 0,9% e a de transformação, 3,6%, repercutindo reduções em 19 das 23 atividades pesquisadas (veículos automotores, reboques e carrocerias, -15,9%; móveis, -10,8%; produtos diversos, -9,3%). Em sentido inverso, destaque para o aumento de 13,3% na produção de fumo.

Na mesma base de comparação, a análise por categorias de uso indica recuo acentuado na produção de bens de capital (10,0%), seguindo-se os registrados nas indústrias de bens de consumo duráveis (8,9%), bens intermediários (2,7%) e de bens de consumo semi e não duráveis (1,7%).

O pessoal ocupado assalariado na indústria diminuiu 2,2% e a folha de pagamento real, 3,3%, no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci)<sup>2</sup> da indústria de transformação atingiu 74,9% no trimestre finalizado em novembro (75,4% no encerrado em agosto), considerados dados dessazonalizados da Sondagem da Indústria da FGV. Houve recuos nos indicadores das indústrias de bens de capital (0,6 p.p.), de bens intermediários (0,5 p.p.) e de bens de consumo não duráveis (0,4 p.p.) e aumento de 0,9 p.p. no indicador da indústria de bens de consumo duráveis.

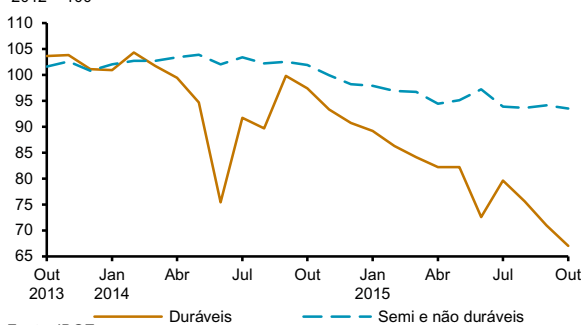
O índice de estoques da indústria, calculado pela FGV, recuou 4,1 pontos, para 125,9 pontos<sup>3</sup>, no trimestre encerrado em novembro, considerados dados dessazonalizados. Houve reduções nos indicadores das indústrias bens de capital (5,8 ponto), de bens intermediários (4,1 ponto), de bens de consumo não duráveis (2,7 pontos) e de bens de consumo duráveis (0,5 ponto).

2/ As séries da Sondagem Industrial da FGV que incluem as séries de Nuci, Índices de estoques e o Indicador de Confiança Industrial (ICI) foram adaptadas para a CNAE 2.0 no último mês de novembro.

3/ Complemento de 200 pontos do índice original divulgado pela FGV. Valores acima de 100 pontos indicam estoques acima do planejado..

**Gráfico 1.7 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Bens de consumo  
2012 = 100



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

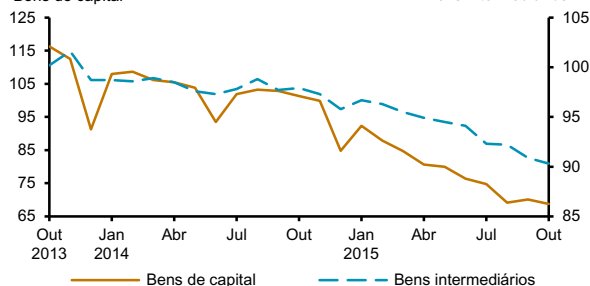
**Gráfico 1.8 – Produção industrial<sup>1/</sup>**

Bens de capital e intermediários

2012 = 100

Bens de capital

Bens intermediários



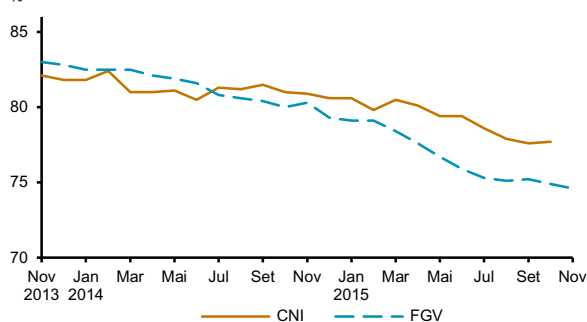
Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.9 – Utilização da capacidade instalada<sup>1/</sup>**

Indústria de transformação

%



Fontes: CNI e FGV

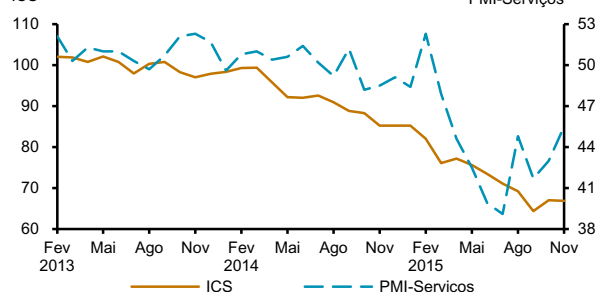
1/ Séries com ajuste sazonal.

**Gráfico 1.10 – Indicadores de confiança no setor de serviços**

ICS e PMI-Serviços – Dados dessazonalizados

ICS

PMI-Serviços



Fontes: FGV e Markit

O Índice de Confiança da Indústria<sup>4</sup> (ICI) passou de 76,2 pontos, em outubro, para 74,8 pontos, em novembro, de acordo com dados dessazonalizados da FGV. O ICI médio do trimestre encerrado em novembro aumentou 1 ponto em relação ao do finalizado em agosto, evolução decorrente de aumentos nas indústrias de bens de consumo não duráveis (2,5 pontos) e de bens intermediários (1 ponto) e de reduções nas de bens de consumo duráveis (0,8 pontos) e de bens de capital (0,3 pontos).

O Índice de Gerentes de Compras<sup>5</sup> (PMI) da indústria atingiu 43,8 pontos em novembro, de acordo com dados dessazonalizados da Markit, sinalizando continuidade do desempenho modesto da atividade.

## Serviços

O volume de produção do setor de serviços recuou 4,7% no trimestre finalizado em outubro, em relação a igual período de 2014, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE<sup>6</sup>. O indicador recuou 1,0% em relação ao segundo trimestre, de acordo com dados dessazonalizados pelo Depec, destacando-se as reduções nos segmentos serviços profissionais, administrativos e complementares (2,4%), outros serviços (1,7%) e serviços de informação e comunicação (0,9%).

O Índice de Confiança de Serviços (ICS) retraiu 7,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados da FGV, reflexo de recuos respectivos de 7,9% e 6,2% no ISA-S e no IE-S. O indicador diminuiu 24,1% em relação a igual trimestre de 2014 (ISA-S, -23,1%; IE-S, -23,8%).

O Índice de Gerentes de Compras (PMI-Serviços) para a atividade negócios atingiu 45,5 pontos em novembro (43 pontos em outubro), de acordo com dados dessazonalizados, permanecendo pelo nono mês na área de retração da atividade.

## Índice de atividade do Banco Central

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) recuou 1,71% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, quando havia

4/ Valores acima de 100 pontos indicam sentimento de otimismo.

5/ O PMI sintetiza a evolução mensal dos indicadores de novos pedidos, produção, emprego, prazo de entrega e estoque de insumos. Valores superiores a 50 representam expansão mensal da atividade.

6/ Em outubro de 2015 o IBGE iniciou a divulgação dos dados de volume de serviços, retroativo a janeiro de 2012.

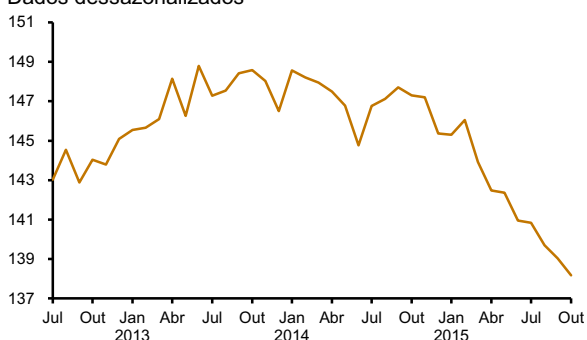
**Tabela 1.3 – Volume de serviços**

Discriminação	Trimestre ante mesmo trimestre do ano anterior (%)			
	2015			
	Jul	Ago	Set	Out
Total	-3,2	-3,3	-4,2	-4,7
Serviços prestados às famílias	-4,5	-4,3	-5,6	-6,5
Serviços de informação e comunicação	-0,2	-0,3	-0,2	-1,2
Serviços profissionais, administrativos e complementares	-2,5	-3,4	-5,7	-6,9
Transportes, serviços auxiliares do transporte e correios	-6,1	-5,5	-6,4	-5,8
Outros serviços	-7,8	-9,6	-10,4	-12,1

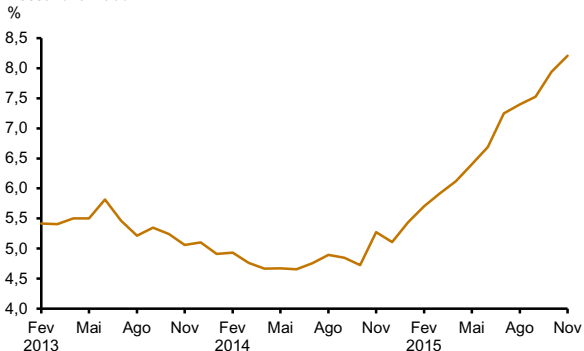
Fonte: IBGE

**Gráfico 1.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central**

Dados dessazonalizados

**Gráfico 1.12 – Taxa de desemprego aberto**

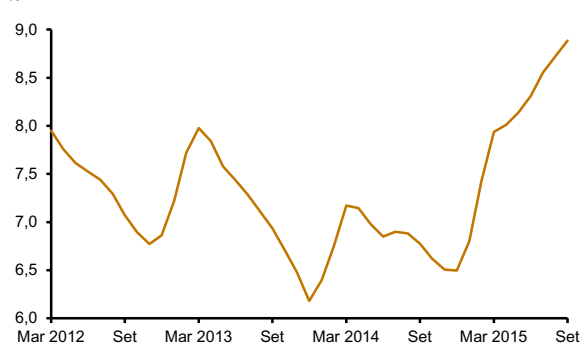
Dessazonalizado



Fonte: IBGE (PME)

**Gráfico 1.13 – Taxa de desemprego aberto**

%



Fonte: IBGE (PNADC)

decrecido 1,92%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados. O IBC-Br retraiu 5,8% em relação a igual trimestre de 2014 e 3,2% em doze meses.

## 1.3 Mercado de trabalho

O processo de ajuste do mercado de trabalho intensificou-se nos meses recentes, quando houve aumento da taxa de desemprego e reduções de postos formais e dos rendimentos do trabalho.

A taxa de desemprego, consideradas as seis regiões metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, atingiu 7,7% no trimestre encerrado em novembro (4,8% em igual período de 2014). Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego totalizou 7,9% no período (7,1% no trimestre encerrado em agosto), resultado de recuos de 1,5% na população ocupada e de 0,7% na população economicamente ativa.

A taxa de desemprego, considerada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, de âmbito nacional, atingiu 8,9% no terceiro trimestre de 2015 (8,3% no segundo e 7,9% no primeiro trimestre de 2015). O nível de ocupação – relação entre população ocupada e população em idade ativa – atingiu, na ordem, 56,0%, 56,2% e 56,2%, nos períodos mencionados.

A economia do país eliminou 395,4 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro (criação de 101,9 mil em igual período de 2014), segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Destacaram-se os cortes na indústria de transformação (136,7 mil), na construção civil (133,6 mil) e no setor de serviços (103,1 mil). Foram extintas 1 milhão de vagas nos onze primeiros meses do ano, maior corte, nessa base de comparação, desde o início da série, em janeiro de 1985.

O rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal recuou 6,7% no trimestre encerrado em novembro de 2015, em relação a igual intervalo em 2014, segundo a PME. Destacaram-se as reduções na construção civil (9,2%), no comércio (7,8%) e no setor de serviços (8,2%). A massa salarial real, produto do rendimento médio habitual pelo número de ocupados, recuou 9,6% no mesmo período.



**Tabela 1.4 – Evolução do emprego formal**

Discriminação	Novos postos de trabalho (em mil)			
	2014		2015	
	Trim <sup>2/</sup>	Ano <sup>3/</sup>	Trim <sup>2/</sup>	Ano <sup>3/</sup>
Total	101,9	708,2	-395,4	-1029,3
Indústria de transformação	-30,7	-14,8	-136,7	-413,3
Comércio	174,2	139,4	31,1	-207,7
Serviços	94,3	521,8	-103,1	-136,5
Construção civil	-74,0	-13,3	-133,6	-311,4
Agropecuária	-60,6	43,2	-42,2	53,0
Serviços ind. de util. pública	0,4	5,4	-3,8	-6,5
Outros <sup>1/</sup>	-1,8	26,4	-7,1	-7,0

Fonte: MTE

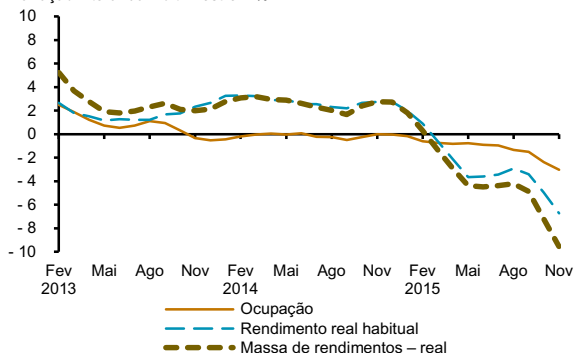
1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

2/ Trimestre encerrado em novembro.

3/ Acumulado no ano até novembro.

**Gráfico 1.14 – Ocupação, rendimento e massa**

Variação interanual no trimestre – %



Fonte: IBGE

**Tabela 1.5 – Produto Interno Bruto**

Trimestre ante trimestre imediatamente anterior

Dados dessazonalizados

Discriminação	Variação %				
	2014		2015		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
PIB a preços de mercado	-0,1	0,1	-0,8	-2,1	-1,7
Agropecuária	1,1	1,3	3,4	-3,5	-2,4
Indústria	-0,2	-0,4	-1,3	-3,7	-1,3
Serviços	0,2	-0,0	-0,9	-1,0	-1,0
Consumo das famílias	0,0	1,4	-2,0	-2,4	-1,5
Consumo do governo	0,5	-0,8	-0,7	0,7	0,3
Formação Bruta de					
Capital Fixo	-2,2	-1,5	-3,5	-6,6	-4,0
Exportação	3,9	-13,8	16,1	3,1	-1,8
Importação	3,5	-6,3	-0,5	-8,0	-6,9

Fonte: IBGE

Considerados dados da PNADC, o rendimento médio habitual de todos os trabalhos registrou redução real de 1,3% no trimestre finalizado em setembro, em relação ao encerrado em junho, e estabilidade na comparação interanual. A massa salarial real habitual de todos os trabalhos registrou recuo de 1,2% e estabilidade, nas mesmas bases de comparação.

## 1.4 Produto Interno Bruto

O PIB retraiu 1,7% no terceiro trimestre de 2015, em relação ao segundo, de acordo com dados dessazonalizados do IBGE. A análise sob a ótica da oferta revela recuos respectivos de 2,4%, 1,3% e 1,0% na agropecuária, na indústria e no setor de serviços. O desempenho do setor industrial repercutiu, em especial, as retrações de 3,1% na indústria de transformação e de 0,5% na construção civil.

Sob a ótica da demanda, destacou-se a redução de 4,0% na formação bruta de capital fixo (FBCF), resultado compatível com os recuos dos indicadores de confiança. O consumo governamental aumentou 0,3% e o das famílias diminuiu 1,5% (terceira retração trimestral consecutiva). As exportações e as importações decresceram 1,8% e 6,9%, respectivamente, no trimestre.

O PIB recuou 4,5% relativamente ao terceiro trimestre de 2014, resultado de reduções, segundo a ótica da produção, de 2,0% na agropecuária, 2,9% nos serviços e de 6,7% na indústria. Nesse segmento, destaque para o impacto dos recuos respectivos de 11,3% e 6,3% na indústria de transformação e na construção civil, mitigado pelos crescimentos respectivos de 4,2% e 1,5% na indústria extrativa e na produção e distribuição de eletricidade, gás e água. O desempenho negativo do setor terciário foi influenciado pelos recuos nas atividades comércio (9,9%) e transporte, armazenagem e correio (7,7%).

No âmbito da demanda agregada, o componente interno contribuiu com -7,4 p.p. para a variação interanual do PIB (-1,3p.p. no trimestre encerrado em setembro de 2014), resultado de recuos respectivos de 0,4%, 4,5% e 15,0% nos consumos do governo e das famílias, e na FBCF. O setor externo, repercutindo variações respectivas de 1,1% e -20,0% nas exportações e nas importações, contribuiu com 2,9 p.p.

**Tabela 1.6 – Produto Interno Bruto**

Trimestre ante mesmo trimestre do ano anterior

Discriminação	Variação %				
	2014		2015		
	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
Agropecuária	0,3	2,2	5,4	2,2	-2,0
Indústria	-2,9	-2,1	-4,4	-5,7	-6,7
Extrativa mineral	10,0	10,4	12,5	8,2	4,2
Transformação	-4,2	-6,0	-7,3	-8,1	-11,3
Construção civil	-7,6	-2,2	-8,3	-10,6	-6,3
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	-6,7	-4,4	-6,6	-1,6	1,5
Serviços	-0,3	-0,3	-1,4	-1,8	-2,9
Comércio	-2,6	-1,8	-5,9	-7,1	-9,9
Transporte, armazenagem e correio	2,0	1,7	-4,0	-5,2	-7,7
Serviços de informação	5,9	2,5	3,5	-0,1	-1,5
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	-0,9	0,8	0,7	0,1	0,4
Outros serviços	-0,5	-1,0	-1,2	-2,0	-3,5
Atividades imobiliárias e aluguel	0,4	0,9	0,1	0,8	0,3
Administração, saúde e educação públicas	-0,4	-0,6	-0,4	0,5	0,9
Valor adic. a preços básicos	-1,0	-0,7	-1,7	-2,5	-3,8
Impostos sobre produtos	-1,7	-0,4	-3,8	-5,9	-8,3
PIB a preços de mercado	-1,1	-0,7	-2,0	-3,0	-4,5
Consumo das famílias	0,1	1,7	-1,5	-3,0	-4,5
Consumo do governo	1,4	-0,5	-0,5	-0,3	-0,4
Formação Bruta de					
Capital Fixo	-7,7	-6,9	-10,1	-12,9	-15,0
Exportação	4,6	-10,7	3,3	7,7	1,1
Importação	2,0	-4,4	-5,0	-11,5	-20,0

Fonte: IBGE

**Tabela 1.7 – Produção industrial**

Trimestre ante mesmo trimestre do ano anterior (%)

Discriminação	2015			
	Jul	Ago	Set	Out
Insumos da construção civil	-11,6	-12,1	-15,5	-17,4
Bens de capital	-23,7	-26,1	-30,5	-32,2
Tipicamente industrializados	-5,1	-0,6	-2,9	-5,0
Agrícolas	-24,0	-27,6	-27,7	-28,2
Peças agrícolas	-20,7	-21,0	-24,9	-27,0
Construção	-48,3	-52,7	-55,5	-58,1
Energia elétrica	-21,7	-21,1	-18,8	-15,4
Equipamentos de transporte	-27,6	-30,6	-36,4	-38,1
Misto	-23,8	-28,5	-35,6	-35,9

Fonte: IBGE

## 1.5 Investimentos

Os investimentos, excluídas variações de estoques, diminuíram 15,0% no terceiro trimestre de 2015, em relação a igual período de 2014, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Na margem, considerados dados dessazonalizados, a FBCF variou -4,0% em relação ao segundo trimestre do ano, nona retração trimestral consecutiva, acumulando recuo de 21,2% desde o segundo trimestre de 2013.

A absorção de bens de capital contraiu 32,8% no trimestre terminado em outubro de 2015, em relação a igual período de 2014, resultado de recuos respectivos de 32,2%, 25,8% e 0,4% na produção, importação e exportação desses bens. A retração na produção de bens de capital refletiu o desempenho modesto das categorias destinadas às áreas de construção, equipamentos de transporte e de uso misto. A produção de insumos típicos da construção civil diminuiu 17,4% em relação ao trimestre finalizado em outubro de 2014.

## 1.6 Conclusão

A atividade econômica doméstica segue apresentando resultados negativos, desempenho que reflete efeitos dos ajustes macroeconômicos em curso, que têm sido intensificados por eventos não econômicos. A ampliação de incertezas decorrentes desses eventos afeta a confiança dos agentes econômicos e repercute significativamente sobre as decisões de investimento e de consumo, em particular de bens de maior valor agregado.

O ritmo da atividade tende a se intensificar no médio prazo, quando o processo de ajustes – que tem se mostrado mais intenso e mais longo que o antecipado – e a superação dos eventos não econômicos mencionados criarem condições adequadas para a retomada da confiança de firmas e famílias e favorecerem a expansão do consumo e dos investimentos. Ressalte-se, ainda, que o componente externo da demanda agregada, em cenário de maior crescimento global e de depreciação do câmbio, corrobora a perspectiva de reação da atividade no médio prazo.

## Projeção para o PIB em 2016 e revisão de 2015

---

Este boxe apresenta projeções do Banco Central para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 e 2016.

### Revisão da projeção para 2015

A revisão da projeção para o crescimento do PIB em 2015 incorpora os resultados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o terceiro trimestre do ano, a revisão da série histórica das contas nacionais trimestrais e estatísticas disponíveis para o trimestre em curso. A estimativa foi revisada de -2,7%, no Relatório anterior, para -3,6%.

A produção agropecuária deverá crescer 1,7%, ante estimativa anterior de 2,6%, arrefecimento consistente com a revisão para a produção de importantes culturas, realizada no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. A estimativa de recuo para a produção da indústria passou de 5,6% para 6,3%, piora decorrente de revisões nas projeções para a indústria de transformação (-0,9 p.p.), para a construção civil (-1,0 p.p.) e para a indústria extrativa (-1,6 p.p.), esta repercutindo efeitos da greve dos petroleiros e da paralisação da atividade de uma das principais mineradoras do país, após acidente ambiental em Minas Gerais. O setor de serviços deverá recuar 2,4% (-1,6% no Relatório anterior), ressaltando-se as revisões nas atividades imobiliária e aluguel, -2,2 p.p., comércio, -1,7 p.p., e outros serviços, -0,7 p.p.

No âmbito da demanda interna, destaque para as reduções nas projeções para o consumo das famílias (de -2,4% para -3,8%), que incorpora o resultado do terceiro trimestre e indicadores coincidentes de outubro e novembro; e para a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), de -12,3% para -14,5%, consistente com o desempenho da construção civil e da absorção de bens de capital. A contribuição da demanda interna para a variação do PIB em 2015 é estimada em -6,2 p.p.



**Tabela 1 – Produto Interno Bruto**  
Acumulado em 4 trimestres

Discriminação	Variação %		
	2015	2016	
	III Tri	IV Tri <sup>1/</sup>	IV Tri <sup>1/</sup>
Agropecuária	2,1	1,7	0,5
Indústria	-4,7	-6,3	-3,9
Extrativa mineral	8,7	4,5	-4,0
Transformação	-8,2	-9,1	-3,8
Construção civil	-6,9	-8,8	-5,0
Produção e dist. de eletricidade, gás e água	-2,9	-1,8	0,4
Serviços	-1,6	-2,4	-1,2
Comércio	-6,1	-8,4	-3,3
Transporte, armazenagem e correio	-3,8	-5,8	-3,0
Serviços de informação	1,1	0,1	-0,5
Interm. financeira e serviços relacionados	0,5	0,0	-0,3
Outros serviços	-1,9	-2,5	-1,7
Atividades imobiliárias e aluguel	0,5	0,3	0,0
Administração, saúde e educação públicas	0,1	0,3	0,2
Valor adicionado a preços básicos	-2,2	-3,1	-1,7
Impostos sobre produtos	-4,6	-6,5	-3,1
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>-2,5</b>	<b>-3,6</b>	<b>-1,9</b>
Consumo das famílias	-1,8	-3,8	-2,0
Consumo do governo	-0,4	-0,3	0,4
Formação Bruta de Capital Fixo	-11,2	-14,5	-9,5
Exportação	0,1	5,1	2,0
Importação	-10,4	-14,4	-11,0

Fonte: IBGE  
1/ Estimativa.

Em relação ao componente externo da demanda agregada, o crescimento anual das exportações foi revisto de 8,0% para 5,1%, alteração compatível com o desempenho do terceiro trimestre e com informações preliminares para outubro e novembro. A variação das importações foi revisada para -14,4% (-10,7% no Relatório anterior). A contribuição do setor externo para a variação do PIB em 2015 deverá atingir 2,6 p.p. a maior desde 2003.

## Projeção para 2016

A projeção para a variação do PIB em 2016 atinge -1,9%. O resultado, que incorpora cenário de incertezas associadas a eventos não econômicos, se aproxima do carregamento estatístico estimado para o ano.

A produção agropecuária deverá aumentar 0,5%, em linha com os prognósticos divulgados pelo IBGE e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Destaque para a perspectiva de crescimento da safra de soja.

A variação da produção da indústria está estimada em -3,9%, terceiro recuo anual consecutivo. Estão projetadas reduções na indústria extrativa (4,0%), compatível com as metas de produção de petróleo e de minério de ferro anunciadas pelas principais empresas do setor e, em especial, com o impacto negativo do acidente ambiental mencionado anteriormente; na indústria de transformação (-3,8%), consistente com o impacto do cenário de patamar historicamente reduzido da confiança dos empresários e nível de estoques ainda elevado, que poderá ser mitigado por eventuais ganhos de competitividade decorrentes da depreciação cambial; e na construção civil (-5,0%), evidenciando a dinâmica ainda negativa do segmento residencial, impactado por elevados estoques de imóveis e restrições de financiamento.

O setor terciário deverá recuar 1,2% em 2016, seguindo a dinâmica da produção industrial e do consumo das famílias. As atividades comércio, transportes, outros serviços e serviços de informação devem contrair 3,3%, 3,0%, 1,7% e 0,5%, respectivamente.

Sob a ótica da demanda, ressaltam-se as estimativas de recuos menos acentuados, em relação às projeções para 2015, para o consumo das famílias e para a FBCF. O aumento de 1,8 p.p., para -2,0%, na estimativa para a variação anual do consumo considera os efeitos da evolução mais favorável da massa ampliada de rendimentos (massa salarial e benefícios sociais recebidos pelas famílias), que deverá repercutir o aumento significativo esperado para o salário mínimo, e da trajetória mais benigna da inflação. O crescimento de 5 p.p., para -9,5% na projeção para a variação anual da FBCF (terceiro recuo anual consecutivo) reflete, em parte, a perspectiva de que choques que impactaram acentuadamente a evolução dessa componente da demanda em 2015 não se repitam com a mesma intensidade em 2016. A retração anual repercute, em especial, o cenário negativo para a construção civil e o recuo acentuado na absorção de bens de capital, em ambiente de encarecimento do crédito e níveis historicamente reduzidos da utilização da capacidade instalada. A demanda interna deverá contribuir com -3,7 p.p. para a variação do PIB em 2016.

O menor dinamismo da economia brasileira seguirá impactando as importações de bens e serviços, que deverão recuar 11,0% em 2016, contrastando com a projeção de crescimento de 2,0% para as exportações. A contribuição do setor externo para a variação anual do PIB em 2016 está estimada, portanto, em 1,8 p.p.